

ESTUDO DO LIVRO DE SOFONIAS

1. INTRODUÇÃO AO LIVRO

A mensagem de Sofonias é curta, objetiva e forte. Ele usou linguagem que tem um tom de castigo final e universal para descrever o fim do mundo como os judeus o conheciam. A linguagem sugere uma destruição mais extensa do que o dilúvio nos dias de Noé, uma vez que até os peixes seriam destruídos. Essa linguagem forte descreve uma destruição na ordem reversa em que a criação ocorreu: serão destruídos primeiro os homens, depois os animais, as aves do céu e, por fim, os peixes do mar. Em contraste, primeiro foram criados os peixes, as aves e, depois, o homem.

O Senhor afirmou que, por causa dos pecados das nações, e de Judá inclusive, está para destruir “todas as coisas sobre a face da terra” (Sofonias 1:2), tanto os homens quanto os animais. Somente se salvarão – “talvez” – “os humildes da terra, que cumprem os seus mandamentos” (Sofonias 2:3) e aqueles que verdadeiramente procuram agir com justiça (Sofonias 1). Em uma segunda parte (Sofonias 2), o oráculo do profeta foi lançado mais diretamente sobre os inimigos de Judá. O juízo de Deus alcançará as nações pagãs, desde os filisteus habitantes da costa mediterrânea até os assírios da Mesopotâmia. Quanto ao juízo que se abaterá sobre nações pagãs, em Sofonias 2:13-14 temos como exemplo Nínive, que caiu em 612 a.C. Em terceiro lugar (Sofonias 3), o profeta proclamou uma mensagem de esperança dirigida ao pequeno resto, os “remanescente de Israel” (Sofonias 3:13), ao “povo modesto e humilde” (Sofonias 3:12) que houver sobrevivido a catástrofe. A ele o profeta anunciou “lábios puros” para invocar o nome do Senhor (Sofonias 3:9) e libertação definitiva de todo o cativo (Sofonias 3:19).

1.1. AUTORIA

O título dessa obra (Sofonias 1:1) e a tradição judaica apontam o profeta Sofonias, nome hebraico que significa “Yahweh Esconde” ou “O SENHOR Protege”, como o autor do *sêfer*/rolo/livro que leva seu nome. São relacionados os nomes dos ascendentes de Sofonias até seu trisavô Ezequias, que talvez seja o rei de Judá (715-686 a.C.) mencionado em 2 Reis 18:1-20:21 (conforme 2 Crônicas 29:1-32:33 e Isaías 36:1-39:8). Com certeza o nome é o mesmo, e a época em que viveu o antepassado do profeta também parece corresponder à época do governo daquele monarca. Se for assim, Sofonias fez parte de uma família de alta posição social em Judá, com parentescos de linhagem real. A declaração inicial do autor afirmou sua ascendência social (Sofonias 1:1), o que é uma característica incomum à trajetória dos profetas de Deus. No entanto, tais coincidências não bastam para se chegar à conclusão que o Ezequias predecessor de Sofonias seja realmente o Ezequias rei de Judá.

Nada sabemos a respeito de Sofonias além do que se lê em Sofonias 1:1 e do que se pode deduzir do restante do livro. Era incomum alguém traçar sua ascendência até a quarta geração, como fez o profeta. É possível que ele tenha feito isso porque Ezequias, seu trisavô, poderia mesmo ser o rei Ezequias de Judá. Diferentemente de Miqueias, que se concentrou no povo comum de Judá, Sofonias sentia-se à vontade na arena política e nos círculos reais distintos. Suas pregações revelam intimidade com o círculo da corte e com as questões políticas que palpitavam no coração do povo do Senhor em sua época. Tudo indica que era um homem de Deus familiarizado com os escritos dos profetas conhecidos em seu tempo, como Isaías, Amós e o início do poderoso e sofrido ministério do jovem Jeremias, cujos pronunciamentos são claramente refletidos em suas mensagens proféticas.

1.2. DESTINATÁRIOS

Sofonias escreveu para o povo de Judá a fim de adverti-lo sobre o julgamento iminente de Deus, convencê-lo a se arrepender e oferecer a ele a esperança de restauração.

1.3. PROPÓSITOS

O tema central da mensagem de Sofonias é o anunciado grande “dia do Senhor” (Sofonias 1:1,7,10,14), tema que já havia despertado o interesse de outros profetas (conforme Amós 5:18-20). Sofonias o descreveu com pinceladas sombrias: “Aquele dia será um dia de ira, dia de angústia e tribulação, dia de ruína e destruição, dia de trevas e escuridão, dia de nuvens e densas trevas” (Sofonias 1:15). Nesse dia haverá clamor, castigo e pilhagem, e nele gritarão os valentes (Sofonias 1:8-13). Mas esse dia terrível também porá fim ao domínio da maldade sobre a terra e à indiferença daqueles que pensam que Deus permanece alheio ao drama da existência humana (Sofonias 1:12). O

“dia do Senhor” em Sofonias pode ser entendido como a destruição de Jerusalém devido à sua rebeldia, especialmente a idolatria e, posteriormente, as destruições dos povos ao redor de Judá, correspondendo ao castigo que Deus traria contra os filisteus, os moabitas, os amonitas, os etíopes e os assírios. A seguir, foi reforçada a profecia contra Jerusalém, mas o encerramento foi feito com uma mensagem de esperança e restauração de um povo mais espiritual que andaria em comunhão com Deus.

No entanto, a destruição prevista em Sofonias 1:1-3 aponta para a destruição da Terra na segunda vinda de Cristo (2 Pedro 3:7,10). A linguagem certamente demonstra o desgosto e a fúria de Deus para com a depravação do mundo todo.

Entende-se então que as nações já existentes e as nações futuras são continuamente passíveis de juízo (pois o ser humano continuamente peca contra o Senhor) e, assim, é inevitável que o Senhor consumirá “todas as coisas sobre a face da terra” – os julgamentos individuais contra as nações ocorrerão até culminarem no julgamento final na segunda vinda de Cristo, conforme 2 Pedro 3:10-13: “Porém, o Dia do Senhor virá como um ladrão. Naquele dia os céus passarão com grande estrondo, e os elementos se desfarão pelo fogo. Também a terra e as obras que nela existem desaparecerão. Uma vez que tudo será assim desfeito, vocês devem ser pessoas que vivem de maneira santa e piedosa, esperando e apressando a vinda do Dia de Deus. Por causa desse dia, os céus, incendiados, serão desfeitos, e os elementos se derreterão pelo calor. Nós, porém, segundo a promessa de Deus, esperamos novos céus e nova terra, nos quais habita a justiça.”

1.4. DATA DA PRIMEIRA PUBLICAÇÃO

Sofonias pregou em Judá nas últimas décadas antes da queda desse povo aos babilônios. De acordo com o primeiro versículo da obra, Sofonias pregou profeticamente durante o reinado de Josias (640-609 a.C.). Se o Ezequias da genealogia do profeta for mesmo o Ezequias rei de Judá de algumas gerações antes, Sofonias seria um primo distante do próprio rei Josias.

A profecia de Sofonias deve ter ocorrido logo no início do governo de Josias, antes da tentativa de reforma realizada por esse monarca, e antes da morte do rei assírio Assurbanipal em 627 a.C., tempo em que a Assíria ainda conservava grande poderio, embora já sentindo a aproximação de tempos difíceis. A referência ao “resto de Baal” em Sofonias 1:4 tem levado muitos a pensarem que as iniciativas de reforma de Josias já estavam a caminho e que a maioria dos santuários a Baal já haviam sido removidos. Outros afirmam que Sofonias aludiu a Deuteronômio em vários lugares: por exemplo, Sofonias 1:13 ecoa Deuteronômio 28:30, e Sofonias 1:17 ecoa Deuteronômio 28:29, implicando que o Livro da Lei (2 Reis 22) já havia sido encontrado e lido em alta voz no tempo da escrita de Sofonias. Isso pode ser indicação de que a profecia foi escrita no final do século 7 a.C. Naquela época ainda vigoravam as terríveis e cruéis condições de vida criadas durante os malignos reinados dos reis Manassés e Amom (2 Reis 21-26).

O reinado de Josias foi a época em que as antigas tradições do povo foram restauradas e o grave deterioramento que a religiosidade judaica havia sofrido durante os reinados de Manassés e Amom foi freado. Foi também nessa época que, tendo-se descoberto, em 622 a.C., o Livro da Lei, Josias empreendeu a reforma do culto de Jerusalém (2 Reis 22:3-23:25; 2 Crônicas 34:8-35:19). Assim, Sofonias provavelmente foi contemporâneo dos profetas Jeremias (ainda jovem), Naum e, provavelmente, Habacuque.

Coube, provavelmente, a Sofonias representar um papel importante no papel de rearmamento moral e espiritual de Judá. Porém, uma vez que a sua proclamação se encaixa melhor em uma época de depravação e em uma sociedade dominada pelo paganismo e, além disso, visto que não contém a menor alusão às reformas de Josias, é fácil supor que a sua atividade profética ocorreu em um período imediatamente anterior à condução da obra realizada pelo rei, talvez entre os anos 630 a 625 a.C. A comunidade acadêmica bíblica, em nossos dias, reconhece que a primeira publicação do Livro de Sofonias pode ter ocorrido por volta do ano 625 a.C.

Os esforços empreendidos na reforma de Josias infelizmente não penetraram muito profundamente no coração do povo. Infelizmente, o ressurgimento da fidelidade à aliança, inspirado pela obra de Josias, foi mesmo sentenciado a ter vida curta por causa da teimosia do povo. O juízo, portanto, era merecido e inevitável.

1.5. CURIOSIDADES

- Costumava-se queimar incenso nos terraços em honra às divindades pagãs (Isaías 15:3; Jeremias 1:16), e os reis de Judá chegaram ao extremo de erigirem altares pagãos sobre o terraço de Jerusalém (Sofonias 1:5);
- Existia uma ideia pagã, muito difundida, de que a soleira da porta de casas, de templos, ou de outra construção, era lugar de habitação de espíritos (Sofonias 1:9);
- Nínive foi destruída em 612 a.C. e sua localização foi esquecida – até ser descoberta por arqueólogos em 1845 (Sofonias 2:13).

1.6. TEMAS

Há várias mensagens importantes em Sofonias. Entre elas:

- **A realidade da justiça divina:** mesmo tratando do seu povo escolhido, Deus usou linguagem forte para falar de um castigo terrível. A justiça de Deus é vista como assunto desagradável e incoerente quando se fala sobre seu amor e misericórdia. Mas a Bíblia – tanto o Antigo como o Novo Testamento – claramente ensina que Deus castiga e destrói as pessoas e as nações que persistem na rebeldia contra ele. No Novo Testamento são encontradas afirmações fortes. Romanos 11:22 diz: “Considere, pois, a bondade e a severidade de Deus: para com os que caíram, severidade; mas, para com você, a bondade de Deus, desde que você permaneça nessa bondade. Do contrário, também você será cortado.” Hebreus 10:26-27 diz: “Porque, se continuarmos a pecar de propósito, depois de termos recebido o conhecimento da verdade, já não resta sacrifício pelos pecados. Pelo contrário, resta apenas uma terrível expectativa de juízo e fogo vingador prestes a consumir os adversários.” Hebreus 10:31 diz: “Horrível coisa é cair nas mãos do Deus vivo”;
- **A realidade da clemência divina:** apesar de falar muito sobre punições, Sofonias não negligenciou a mensagem da graça. O mesmo Deus que traria tamanho castigo contra seu povo também estenderia a ele sua misericórdia. Sofonias 3:17 disse para Sião, que representa seu povo: “O SENHOR, seu Deus, está no meio de você, poderoso para salvar. Ele ficará muito contente com você. Ele a renovará no seu amor, e se encherá de júbilo por causa de você.” Os dois aspectos do trabalho divino, justiça e clemência, ilustram bem o conceito bíblico do “dia do Senhor”. Seja o castigo de uma cidade, de uma nação, ou do mundo inteiro, é um dia em que Deus rejeita e castiga os rebeldes, mas salva e protege os fiéis;
- **O que Deus deseja do homem:** em um contexto de ameaças contra as nações ímpias, Deus disse: “Busquem o Senhor, todos vocês, os humildes da terra, que cumprem os seus mandamentos. Busquem a justiça, busquem a humildade. Talvez assim vocês sejam poupados no dia da ira do SENHOR” (Sofonias 2:3). As pessoas que aceitam esse convite divino são as mesmas que recebem sua graça salvadora: “Mas deixarei no meio de você um povo modesto e humilde, que confia no nome do SENHOR” (Sofonias 3:12);
- **O conceito de “dia do Senhor”:** o Livro de Sofonias ajuda os leitores a entenderem o conceito de “dia do Senhor”, uma expressão que identifica um dia em que Deus acerta as contas, salvando os obedientes e humildes e castigando os rebeldes e orgulhosos. O “dia do Senhor” não se limita apenas ao juízo final, mas também se refere a todos os juízos locais de Deus contra as nações da Terra ao longo das eras, até que a criação seja destruída na segunda vinda de Cristo.

1.7. ESTRUTURA

Para o propósito deste estudo, consideraremos que o livro está estruturado da seguinte maneira:

- Anúncio do julgamento universal (Sofonias 1:1-3);

- O “dia do Senhor” virá sobre Judá e sobre as nações (Sofonias 1:4-18);
- O julgamento das nações (Sofonias 2:1-3:7);
- A promessa de redenção (Sofonias 3:8-20).

2. ESTUDO DE LIVRO DE SOFONIAS

As citações neste estudo são da versão Nova Almeida Atualizada.

ANÚNCIO DO JULGAMENTO UNIVERSAL

Sofonias 1:1-3: *“{1:1} Palavra do Senhor que veio a Sofonias, filho de Cusi, filho de Gedalias, filho de Amarias, filho de Ezequias, nos dias de Josias, filho de Amom, rei de Judá. {1:2} ‘Certamente consumirei todas as coisas sobre a face da terra’, diz o SENHOR. ‘Consumirei as pessoas e os animais, consumirei as aves do céu, os peixes do mar, e as ofensas com os ímpios. E exterminarei os seres humanos da face da terra’, diz o SENHOR.”*

1:1 – Esse é o único livro profético em que a genealogia do profeta remonta a quatro gerações, talvez para indicar que Sofonias era uma pessoa de classe social mais alta. O profeta era, provavelmente, aparentado dos reis de Judá: Amarias e o rei Manassés eram irmãos; Gedalias e o rei Amom eram primos; Cusi e o rei Josias eram primos em segundo grau. Sofonias pode ter sido primo em terceiro grau dos reis Jeoacaz, Jeoaquim e Zedequias. Se for assim, o profeta pertenceu à família do palácio, para o qual a sua mensagem parece estar dirigida (por exemplo, Sofonias 1:8). Assim, podemos ter aqui um exemplo de que não se deve assumir que todos os homens de Deus são sempre de classe social baixa – pessoas de todas as classes sociais podem ser servas do Senhor (outro exemplo seria Filemom). O nome “Cusi”, que em outras passagens aparece como “Cuxe” (conforme Gênesis 10:6), designa os etíopes, mas aqui, como em Jeremias 36:14, trata-se de um nome próprio. Alguns identificam o Ezequias mencionado aqui como sendo o bom monarca de Judá de mesmo nome (conforme 2 Reis 18:1). No entanto, a afirmação é duvidosa porque Ezequias era um nome comum na época e o texto não atribui a ele o título de rei.

Sofonias era contemporâneo de Jeremias, Naum e, talvez, de Habacuque. Sua profecia tem como data mais provável o período inicial do reinado de Josias, antes das reformas promovidas por esse rei. Josias foi rei de Judá entre os anos 640-609 a.C., conforme 2 Reis 22:1-23:30 e 2 Crônicas 34:1-35:27. O trabalho principal do profeta, à semelhança de seus contemporâneos Naum e talvez Habacuque, parece estar concentrado no início do reinado de Josias, antes das profecias mais importantes de outro contemporâneo: Jeremias.

Proclamar a Palavra de Deus, e somente o conteúdo dela, era a expressão introdutória usada pelos profetas do Senhor (Jeremias 1:4; Oseias 1:1; Malaquias 1:1). Sofonias é um nome hebraico que significa literalmente “Yahweh Esconde” e pode ser compreendido como “O SENHOR Protege” – uma referência ao que seria a proteção divina sobre todos e, em especial, naquela época e circunstâncias históricas, à pessoa do profeta durante os reinados cruéis de Manassés e de Amom, antecessores do bom e justo rei Josias. Historiadores chegam a ponto de projetar que Sofonias tenha começado seu ministério profético aos 25 anos de idade que pertenceu à classe governante e nobre, como Isaías.

1:2 – O Senhor afirmou, por meio de Sofonias, que, por causa dos pecados das nações (inclusive de Judá), estava para destruir “todas as coisas sobre a face da terra”. Sofonias falou da catástrofe vindoura em linguagem que relembra as declarações de Deus antes do dilúvio (Gênesis 6:7). A linguagem mostra o desgosto e a fúria de Deus em relação à depravação do mundo todo. As nações já existentes e as nações futuras são continuamente passíveis de juízo (pois o ser humano continuamente peca contra o Senhor) e, assim, é inevitável que “todas as coisas sobre a face da terra” sejam consumidas – assim, os julgamentos locais continuarão até a vinda do julgamento maior, a destruição completa na segunda vinda de Cristo, onde a Terra será destruída pelo fogo (conforme 2 Pedro 3:10-13), o fogo do juízo de Deus (Sofonias 1:2-3,18; 3:8).

Esse versículo e o próximo (Sofonias 1:3) se referem poeticamente ao “dia do Senhor”, o qual é o tema central de Sofonias. O “dia do Senhor” é uma expressão que identifica um dia em que Deus acerta as contas contra uma nação ou povo, salvando os obedientes e humildes e castigando os rebeldes e orgulhosos. Aqui e em Sofonias

1:3, o “dia do Senhor” se refere ao julgamento de Deus sobre toda a Terra. Encontramos referências a “todas as coisas sobre a face da terra” no contexto do dilúvio em Gênesis 6:1,11-12; 7:22.

1:3 – É continuada a ideia do “dia do Senhor” se referindo ao julgamento de Deus sobre toda a Terra. Sofonias usou linguagem com tom de castigo final e universal que sugere uma destruição mais extensa do que o dilúvio nos dias de Noé, uma vez que até mesmo as aves do céu e os peixes do mar serão destruídos. Em Oseias 4:1-3 é expressa a ideia de as aves e peixes desfalecerem e perecerem por causa dos habitantes da terra.

A linguagem forte mostra uma destruição na ordem reversa em que a criação ocorreu: são destruídos primeiro os homens, depois os animais, as aves do céu e, por fim, os peixes do mar. Em contraste, primeiro foram criados os peixes, as aves e, depois, o homem. Também está bem claro o desgosto do Senhor para com as ofensas feitas pelos perversos.

Os juízos individuais de Deus contra cada nação são “dias do Senhor” e continuarão a ocorrer até o dia em que venha o juízo maior na segunda vinda de Cristo, o “dia do Senhor definitivo”. Assim, o Livro de Sofonias é muito interessante para se conhecer mais sobre o que vem a ser o “dia do Senhor”.

O “DIA DO SENHOR” VIRÁ SOBRE JUDÁ E SOBRE AS NAÇÕES

Sofonias 1:4-6: “{1:4} *Estenderei a mão contra Judá e contra todos os moradores de Jerusalém. Exterminarei deste lugar o resto de Baal e a lembrança dos ministros dos ídolos e seus sacerdotes.* {1:5} *Exterminarei os que sobre os terraços adoram o exército do céu e os que adoram o SENHOR e juram por ele e também por Milcom.* {1:6} *Farei desaparecer também os que deixam de seguir o SENHOR e os que não buscam o SENHOR, nem perguntam por ele.*”

1:4 – Nesse contexto, quando o Senhor “estende a mão”, é para aplicar castigo, conforme Isaías 5:25; 23:11; Jeremias 6:12; 15:6; Ezequiel 6:14; 14:9,13. Assim, a partir daqui o foco do castigo muda para Judá e os habitantes de Jerusalém. O Senhor também exterminará de Jerusalém o que sobrou dos ministrantes, sacerdotes e ídolos de Baal. A referência ao “resto de Baal” pode indicar que as iniciativas de reforma de Josias já estavam a caminho e que a maioria dos santuários a Baal já haviam sido removidos.

1:5 – O Senhor também dará o castigo para aqueles que “sobre os terraços adoram o exército do céu e os que adoram o SENHOR e juram por ele e também por Milcom.” Adorar o “exército do céu” significa adorar os astros. Essa forma de idolatria havia se generalizado em Judá pela influência da Assíria. Os adoradores de astros costumavam adorar em terraços, queimando incenso em honra a falsos deuses (Isaías 15:3; Jeremias 1:16), e os reis de Judá chegaram ao extremo de erigirem altares pagãos sobre o terraço de Jerusalém (2 Reis 23:12). A Epopeia de Kirta, texto ugarítico do século 14 a.C., descreve uma prática semelhante: “Vá para o topo de uma torre, sente-se no topo do muro [...] honre a Baal com seu sacrifício [...]. Então desça [...] dos telhados.” Embora fosse proibida, a adoração ao Sol, à Lua e às estrelas foi comum em Judá durante boa parte da história subsequente da monarquia (2 Reis 17:16; 21:3,5; 23:4-5).

O “deus” aqui chamado “Milcom”, também conhecido como Moloque, tinha rituais que às vezes envolviam o sacrifício de crianças, e era adorado pelos amonitas. Embora a adoração a Milcom/Moloque fosse proibida aos israelitas (Levítico 18:21; 20:1-5), Salomão erigiu um altar a Moloque no vale de Ben-Hinom (2 Crônicas 33:6; Jeremias 7:31; 32:35). Para Deus, jurar pelo nome de Milcom significa reconhecer ele como um “deus” (conforme Êxodo 20:3-6). Portanto, observa-se que não adianta nada reconhecer o Senhor como Deus e também algum outro “deus” – só há um Deus, o Senhor. Aqueles que reconheciam o Senhor e também outros “deuses” estavam sujeitos a serem castigados.

1:6 – Aqueles que deixam de seguir o único e verdadeiro Deus, bem como aqueles que não o buscam e aqueles que nem sequer se importam com ele, fazem a pior decisão de suas vidas. Todos sofrerão o castigo da mão estendida de Deus. Aqui se observa que aqueles que deixam de seguir ao Senhor estão em uma situação tão ruim quanto aqueles que não o buscam ou que aqueles não querem saber dele – é mais um texto bíblico mostrando que o ser humano está perdido sem Deus e que, mesmo que tenha seguido o Senhor antes, se deixou de segui-lo e assim permanecer, receberá castigo.

Sofonias 1:7-9: *“{1:7} Calem-se diante do SENHOR Deus, porque o Dia do SENHOR está perto. O SENHOR preparou o sacrifício e santificou os seus convidados. {1:8} No dia do sacrifício do SENHOR, hei de castigar as autoridades, e os filhos do rei, e todos os que se vestem como estrangeiros. {1:9} Castigarei também, naquele dia, todos aqueles que sobem o pedestal dos ídolos e enchem de violência e engano a casa dos seus senhores.”*

1:7 – A ira do Senhor está sobre os pecadores de Judá e Jerusalém. A expressão *“Calem-se diante do SENHOR Deus”* transmite a ideia da preparação da chegada do juízo de Deus.

O retrato da chegada do juízo de Deus pode ser entendido como se um temível rei, enfurecido, se levantasse do seu trono para efetuar um juízo terrível e todos, cheios de temor, mantivessem silêncio, em expectativa, conforme Habacuque 2:20 e Zacarias 2:13. Na expressão *“o SENHOR preparou o sacrifício”*, o juízo de Deus também é apresentado como um grande sacrifício, conforme Isaías 34:6, Ezequiel 39:17-18 e Jeremias 46:10.

Provavelmente esse versículo se refere aos pecadores mencionados em Sofonias 1:4-6. É uma analogia em que os pecadores são imolados como vítimas do sacrifício, e os *“convidados”* santificados são os babilônios que mais tarde destruiriam Judá e levariam o povo ao exílio. É como se eles fossem os *“sacerdotes”* do Antigo Testamento que partilhavam dos sacrifícios de animais, segundo a Lei de Moisés. A ideia da *“santificação”* dos convidados aqui não é que os babilônios são literalmente santificados (são pagãos que também têm marcado um *“dia do Senhor”* contra eles), mas que estão agindo a serviço do Senhor, ministrando como se fossem os *“sacerdotes santificados”* que realizam o *“sacrifício”*. A analogia em que um povo pagão é chamado como *“santificado”* deve ter sido bem dura para o povo de Judá ouvir.

1:8 – No dia do juízo de Deus, apresentado como um grande sacrifício, há castigo para os oficiais e os filhos do rei, ou seja, para as autoridades. Também se aplica castigo para aqueles *“que se vestem como estrangeiros”*, ou seja, aqueles em Judá que se vestiam conforme o estilo de outras nações, como o estilo babilônico, egípcio ou assírio. Isso representa o fascínio do povo de Judá para com as nações pagãs, querendo ser igual a elas. No entanto, Deus quis que seu povo fosse separado e santo, diferente das nações pagãs. O Senhor tinha dado regras para a vestimenta dos israelitas em Números 15:38-39: *“Fale aos filhos de Israel e diga-lhes que ao longo das suas gerações coloquem franjas nas extremidades das suas capas e ponham um cordão azul em cada franja. E as franjas estarão ali para que, ao vê-las, vocês se lembrem de todos os mandamentos do Senhor e os cumpram, para que vocês não se deixem arrastar à infidelidade, seguindo os desejos do seu coração e dos seus olhos.”* Deuteronômio 22:12 também diz: *“Coloque franjas nos quatro cantos do manto que você usa.”* Portanto, desejar usar vestimentas à maneira das outras nações implica na desobediência dessa lei e, portanto, a devida punição da parte de Deus.

1:9 – Aqueles que *“sobem o pedestal dos ídolos e enchem de violência e engano a casa dos seus senhores”* também têm castigo no dia de juízo. A ação de *“subir o pedestal dos ídolos”* pode ser um rito idólatra praticado nos degraus da plataforma que servia de pedestal aos ídolos. Pode também ser referência a uma prática supersticiosa que se originou em uma ocasião registrada em 1 Samuel 5:1-5: *“Os filisteus tomaram a arca de Deus e a levaram de Ebenézer a Asdode. Os filisteus tomaram a arca de Deus e a colocaram no templo de Dagom, ao lado da imagem de Dagom. Quando os moradores de Asdode se levantaram de madrugada, no dia seguinte, eis que Dagom estava caído com o rosto em terra, diante da arca do SENHOR. Eles pegaram a imagem de Dagom e a puseram de volta no seu lugar. Levantando-se de madrugada no dia seguinte, pela manhã, eis que Dagom estava caído de bruços diante da arca do SENHOR. A cabeça de Dagom e as duas mãos estavam cortadas e se encontravam na soleira da porta; apenas o tronco dele estava inteiro. Por isso, os sacerdotes de Dagom e todos os que entram no seu templo em Asdode não pisam na soleira da porta, até o dia de hoje.”* Assim, existia uma ideia pagã, muito difundida, de que a soleira da porta de uma casa, de um templo, ou de outra construção, era lugar de habitação de espíritos. Portanto, essa crença pode ter se desenvolvido na época de Samuel, quando encontraram o *“deus”* filisteu Dagom quebrado e deitado na soleira de seu templo, depois que os filisteus colocaram a arca da aliança ao lado do ídolo, conforme 1 Samuel 5:1-5. Isso pode ter sido atribuído supersticiosamente à ação de espíritos. É claro, no entanto, que a *“profanação”* do ídolo de Dagom foi obra do Senhor, como indica 1 Samuel 5:6: *“Porém a mão do SENHOR castigou duramente os moradores de Asdode, e os assolou, e os feriu com tumores, tanto em Asdode como nos seus arredores.”*

A ideia de que os mencionados pecadores *“enchem de violência e engano a casa dos seus senhores”* provavelmente significa que as autoridades corruptas de Jerusalém enchiam a casa de seus senhores, seus falsos deuses, por meio de bens tomados à força, por falsas acusações e/ou por suborno (*“violência e engano”*).

Sofonias 1:10-13: *“{1:10} ‘Naquele dia’, diz o SENHOR, ‘se ouvirá um grito desde o Portão dos Peixes, e um uivo desde a parte nova da cidade, e grande lamento desde as colinas. {1:11} Lamentem, moradores da cidade baixa, porque todos os comerciantes serão mortos e todos os que pesam prata serão destruídos. {1:12} Naquele tempo, vasculharei Jerusalém com lanternas e castigarei aqueles que estão apegados à borra do vinho e dizem no seu coração: ‘O SENHOR não faz bem nem faz mal.’ {1:13} Por isso, os bens deles serão saqueados, e as suas casas serão destruídas. Eles construirão casas, mas não habitarão nelas; plantarão vinhas, mas não beberão o vinho.”*

1:10 – Aqui foi expressa a ideia de se ouvir gritos e uivos em Jerusalém e lamentos desde as colinas próximas, os quais vêm de várias direções. Por causa do dia de angústia que o Senhor decretou, o grito vindo da “Porta do Peixe”, o uivo vindo desde a “parte nova da cidade” e o grande lamento vindo “desde as colinas” são indicadores que anunciam o juízo que se aproxima.

A “Porta do Peixe” era uma das entradas situadas ao norte de Jerusalém, no canto noroeste (conforme Neemias 3:3; 12:39), assim chamada porque ali havia um mercado em que se vendiam peixes (conforme Neemias 13:16). Jerusalém era mais vulnerável aos ataques vindos do norte. A “parte nova da cidade” trata-se, provavelmente, de um lugar situado ao norte da cidade (conforme 2 Reis 22:14), podendo também ser uma área no vale do Tiropeão, ao sul do Monte Moriá. As “colinas” se referem às elevações de terreno próximas a Jerusalém. A cidade também tinha um “novo distrito”, também chamado “segundo distrito” (Neemias 11:9), o qual provavelmente era um subúrbio a oeste da área do templo.

1:11 – Deus, por meio do profeta, falou para que os “moradores da cidade baixa”, ou “Moradores de Mactés”, uivem, ou seja, se lamentem, pois o povo de Canaã também será castigado para a ruína – isto é, aqueles que “pesam prata”, ou seja, o povo mercador que comercializava com Jerusalém. Não haveria mais esse tipo de comércio e Jerusalém não mais se valeria dos bens adquiridos por meio dele. Os “moradores da cidade baixa”, ou “Moradores de Mactés”, são aqueles que viviam em um bairro que, pelo que se presume, estava situado ao sul da cidade, embora não se conheça a sua exata localização.

1:12 – Por causa desse versículo, o profeta Sofonias já foi representado, algumas vezes, como tendo uma lanterna na mão. No dia da angústia, o Senhor vasculhará “Jerusalém com lanternas”, o que transmite a ideia de que alguns dentre o povo estariam se escondendo em lugares escuros, casas, cantos das ruas, esgotos e/ou sepulcros, e que Deus vasculha a cidade toda, procurando cada um para aplicar o merecido juízo. É interessante que, tempos depois, pessoas tentaram escapar dos babilônios escondendo-se dessas maneiras. A expressão “aqueles que estão apegados à borra do vinho” refere-se ao processo de vinificação – o melhor vinho envelhecia nos depósitos, engrossando e refrescando no fundo de um recipiente. A implicação é que certas pessoas de Jerusalém eram complacentes, indiferentes e insensíveis às advertências proféticas: elas se assemelhavam ao vinho grosso e pegajoso que não se mexe e apenas engrossa. A expressão “dizem no seu coração: ‘O SENHOR não faz bem nem faz mal’” reprova a atitude desse tipo de pessoa que acha que Deus não faz nada, bem como de céticos e de pessoas que não necessariamente negam a existência do Senhor, mas negam-se a crer que ele intervém no mundo (conforme Salmo 10:4; Salmo 14:1; Isaías 29:15; Jeremias 5:12; Amós 9:10 e Malaquias 3:14-15).

1:13 – Por causa das atitudes descritas em Sofonias 1:12, tais pessoas pecaminosas vão ter seus bens saqueados e suas casas assoladas. Eles poderiam até mesmo tentar reconstruir casas, mas se o fizerem, não vão habitar nelas. O mesmo ocorre se tentarem plantar vinhas – podem até plantar, mas não aproveitarão o fruto delas (conforme Deuteronômio 28:30; Amós 5:11; Miqueias 6:15).

Sofonias 1:14-18: *“{1:14} Está perto o grande Dia do SENHOR; está perto e vem chegando depressa. Atenção! O Dia do SENHOR é amargo, e nele clamarão até os poderosos. {1:15} Aquele dia será um dia de ira, dia de angústia e tribulação, dia de ruína e destruição, dia de trevas e escuridão, dia de nuvens e densas trevas, {1:16} dia de toque de trombeta e gritos de guerra contra as cidades fortificadas e contra as torres altas. {1:17} Trarei angústia sobre as pessoas, e elas andarão como se estivessem cegas, porque pecaram contra o SENHOR. O sangue dessas pessoas será derramado como pó, e a sua carne será espalhada como esterco. {1:18} Nem a prata nem o ouro poderão livrá-las no dia da ira do SENHOR, mas, pelo fogo do seu zelo, a terra será consumida. Porque ele certamente fará destruição total e repentina de todos os moradores da terra.”*

1:14 – Os versículos que se seguem são descrições do terror do julgamento de Deus (descrições do “Dia do SENHOR”), para todas as nações que foram sentenciadas por ele. O “grande Dia do SENHOR” estava próximo do

momento em que Sofonias o proclamou, e se aproximava cada vez mais – no entanto, nesse caso, ele se refere ao juízo de Judá, embora para as outras nações também haja um “dia do Senhor” preparado. O “Dia do SENHOR” é sempre um dia terrível para o perverso que recebe a sentença do Deus todo-poderoso, um juízo tão amargo que até o homem poderoso sucumbe e clama por misericórdia. Encontramos também a ideia do “grande Dia do SENHOR” em Isaías 13:6, Ezequiel 30:2-3 e Joel 1:15.

1:15 – Características do “Dia do SENHOR” são representadas como “um dia de ira, dia de angústia e tribulação, dia de ruína e destruição, dia de trevas e escuridão, dia de nuvens e densas trevas” – são representações simbólicas que, nos escritos proféticos e apocalípticos, são usadas para descreverem como o julgamento de Deus é intenso e terrível contra pecadores sentenciados, conforme Joel 2:2 e Amós 5:18-20.

1:16 – A expressão “dia de toque de trombeta e gritos de guerra contra as cidades fortificadas e contra as torres altas” indica a situação de guerra contra as cidades fortificadas e as torres altas das nações sentenciadas ao juízo do Senhor. A ideia de Deus usar a guerra entre nações como castigo é comum no Antigo Testamento. As trombetas dos exércitos vão soar, e eles atacam com ímpeto as fortificações e torres dos seus inimigos.

1:17 – O julgamento é terrível e as pessoas sofrerão angústia. Elas “andarão como se estivessem cegas”, tornando-se vulneráveis a vários perigos. Isso pode significar que elas preferem andar para qualquer lugar, mesmo sem enxergarem, do que permanecerem no lugar de angústia, ou que andarão desorientadas como cegos em consequência da tamanha angústia que está por vir. A expressão “O sangue dessas pessoas será derramado como pó, e a sua carne será espalhada como esterco” denota a ideia de que o sangue e a carne delas não têm importância e valor algum. O sangue será derramado como o pó, ou seja, derramado em grande quantidade, como se fosse espanado fora de uma mesa empoeirada. A carne delas será atirada como esterco, lançada longe como uma coisa fétida e nojenta.

1:18 – O dinheiro e a riqueza (prata e ouro), tão amados pelos homens, não ajudam em nada durante o dia de indignação de Deus. O melhor que pode acontecer a eles é servirem de despojo para o exército dominador. O zelo de Deus contra a maldade arde como fogo e os ímpios sentenciados serão eliminados da terra, de uma maneira completa e repentina do ponto de vista deles. O Senhor continuará a trazer julgamentos locais terríveis contra os ímpios daquela terra e, também, contra todas as nações e povos ímpios, até o dia do julgamento final na segunda vinda de Cristo, no qual a Terra será destruída pelo fogo (conforme 2 Pedro 3:10-13). É evidente pela linguagem do desgosto e a fúria do Senhor contra a depravação do mundo todo. De qualquer forma, Deus acerta as contas, salvando os obedientes e humildes e castigando os rebeldes e orgulhosos.

O JULGAMENTO DAS NAÇÕES

Sofonias 2:1-3: “{2:1} Reúna-se e concentre-se, ó nação sem pudor, {2:2} antes que saia o decreto e o dia se vá como a palha, antes que venha sobre você o furor da ira do SENHOR, sim, antes que venha sobre você o dia da ira do SENHOR. {2:3} Busquem o SENHOR, todos vocês, os humildes da terra, que cumprem os seus mandamentos. Busquem a justiça, busquem a humildade. Talvez assim vocês sejam poupados no dia da ira do SENHOR.”

2:1 – Deus, por meio do profeta, admoestou a pervertida nação de Judá a se concentrar e examinar a si mesma. Isso foi aplicado para Judá, mas vale para toda nação que se afasta dos caminhos do Senhor. No entanto, não houve arrependimento. O Senhor acabou realizando juízo contra a nação de Judá e as nações ao seu redor.

2:2 – A ideia do autoexame para a nação sem pudor mencionada em Sofonias 2:1, Judá, tem o objetivo de permitir o arrependimento, antes que o decreto do julgamento de Deus entre em vigor, isto é, que ocorra o juízo. O tempo passa rápido e muitas vezes o ser humano nem o vê passar – a expressão “o dia se vá como a palha” mostra que o tempo que o ser humano não vê passar é como a palha que é soprada longe e não permanece mais em seu lugar. Se não for realizado um autoexame para serem vistas as iniquidades, com um intuito de arrependimento e mudança de atitude, a nação sofrerá a ira de Deus – e aí será tarde demais. O tempo de buscar o arrependimento é agora, pois os homens não sabem quando chegará o momento do acerto de contas, “o dia da ira do SENHOR”.

2:3 – Os “humildes da terra” acabam sendo, em última análise, aqueles que põem toda a sua confiança no Senhor, uma vez que sabem que são pecadores merecedores de juízo que não podem salvar a si mesmos – são

aqueles que reconhecem que ninguém, exceto Deus, realmente pode socorrê-los. A humildade é a qualidade de alguém reconhecer suas próprias limitações e não pensar de si mesmo nada além dessas limitações.

O termo *“humildes”* também pode ser traduzido como *“mansos”*. Mansidão é algumas vezes confundida com fraqueza e timidez, mas essa qualidade nunca é fraca. Mansidão, ou brandura, é a força sendo dominada. Moisés e Jesus eram mansos, mas mostravam força para enfrentarem as autoridades poderosas de seu tempo e condenar claramente seus pecados. O cristão tem que mostrar sua sabedoria com mansidão (Tiago 3:13). Essa é a atitude da submissão humilde, dominada, com a qual as pessoas têm que estudar a Bíblia (Tiago 1:21). É a atitude que os seguidores de Cristo têm que mostrar quando resgatam um irmão que recaiu no pecado (Gálatas 6:1; 2 Timóteo 2:25).

Aqueles que buscam a Deus, a justiça, a humildade, a mansidão, e que fazem o que ele ordena, são as pessoas que podem ser poupadas da ira dele. Se alguém fizer isso, talvez possa escapar do *“dia da ira do SENHOR”*. É importante lembrar que mesmo aqueles que buscam o Senhor não estão isentos das tribulações e das consequências dos males que existem no mundo. Segundo Sofonias 3:12-13, é dessa gente agradável ao Senhor que sairá o futuro remanescente de Israel, isto é, o verdadeiro povo de Deus. Encontramos também a ideia da expressão *“Busquem a justiça, busquem a humildade. Talvez assim vocês sejam poupados no dia da ira do SENHOR”* em Isaías 55:6-7 e Joel 2:13.

Sofonias admoestou todos a se arrependem o quanto antes. Esse apelo ao arrependimento, assim como a posterior acusação formal de Jerusalém pela falta de humildade e reconhecimento dos erros e pecados cometidos contra o Senhor e o próximo (Sofonias 3:6-8), formaram a série de juízos que detalharam os atos de Deus no dia vindouro chamado *“dia da ira do SENHOR”* (Sofonias 2:4-3:5).

Sofonias 2:4-7: *“{2:4} Porque Gaza será abandonada, e Asquelom ficará deserta; Asdode, ao meio-dia, será expulsa, e Ecom será desarraigada. {2:5} Ai dos que habitam no litoral, do povo dos queretitas! A palavra do SENHOR será contra você, Canaã, terra dos filisteus. ‘Farei com que você seja destruída, até que não reste um morador sequer.’ {2:6} O litoral será de pastagens, com refúgios para os pastores e currais para os rebanhos. {2:7} O litoral pertencerá ao remanescente da casa de Judá. Ali apascentarão os seus rebanhos e, ao anoitecer, se deitarão nas casas de Asquelom; porque o SENHOR, seu Deus, os visitará e mudará a sorte deles.”*

2:4 – A exemplo de outros escritos proféticos, os versículos seguintes anunciam o juízo de Deus sobre as nações vizinhas de Israel: Filístia, a oeste; Moabe e Amom, a leste; Etiópia, ao sul; e Assíria, ao norte (conforme Isaías 13-23; Jeremias 46-51; Ezequiel 25-32; Amós 1:3-2:3).

Gaza, Asquelom, Asdode e Ecom eram quatro das cinco principais cidades que formavam a *“pentápolis filisteia”* (Juízes 13:3; Isaías 14:28-32; Jeremias 47; Ezequiel 25:15-17; Amós 1:6-8; Zacarias 9:5-7). Todas essas cidades estavam localizadas a oeste de Judá, próximas ao *“litoral”* referido em Sofonias 2:6. Gate, a quinta cidade principal, a cidade do Golias derrotado por Davi (1 Samuel 17), talvez já estivesse em poder de Judá desde os dias do rei Uzias (2 Crônicas 26:6) e, provavelmente, por isso não foi mencionada aqui. As cidades citadas são o alvo do juízo do Senhor: *“Gaza será abandonada”, “Asquelom ficará deserta”,* os moradores de Asdode serão expulsos em plena luz do dia e *“Ecom será desarraigada”*.

2:5 – Continuando o assunto do juízo da Filístia, o Senhor disse um *“ai”* para os filisteus e disse também que sua Palavra está contra a terra de Canaã correspondente a eles. O julgamento dos filisteus será terrível e a destruição fará com que não haja mais nenhum morador em sua terra. Porém, isso não significa literalmente a destruição de cada indivíduo filisteu, mas o fim da Filístia como nação.

Os filisteus foram primeiramente subjugados pela Assíria, depois foram pressionados pelo Egito: o faraó Neco praticamente os destruiu quando capturou Gaza em aproximadamente 609 a.C. Depois disso, foram aliados do Egito contra o exército de Nabucodonosor da Babilônia. Após a batalha de Carquemis em 605 a.C., Nabucodonosor derrotou as tropas egípcias e deportou os filisteus, os quais perderam completamente sua soberania e liberdade. Eles foram mencionados pela última vez na Bíblia pelo profeta Zacarias após o cativo do povo de Judá na Babilônia (Zacarias 9:5-6). Durante o período helenístico, as principais cidades da Filístia estavam sendo habitadas por uma população mista.

Os filisteus foram chamados aqui de “*queretitas*”. Caftor (Creta) provavelmente é o lugar de origem dos filisteus, ou seja, o “*povo dos queretitas*” (Deuteronômio 2:23; Amós 9:7). Jeremias disse que esse lugar é uma ilha (Jeremias 47:4). Existem várias teorias sobre o assunto, porém a mais aceita é que os filisteus são originários da ilha de Creta, no Mediterrâneo. Há evidências de conexões antigas entre Creta e a Filístia (aqui e em Ezequiel 25:16 – a Septuaginta, a tradução do Antigo Testamento hebraico para o idioma grego, transforma os “*queretitas*” em “*cretenses*”, indicando a convicção de que eles vinham de Creta). É possível que Caftor abrangesse Creta e as ilhas vizinhas, entre elas Chipre e Rodas.

Canaã quer dizer “terra de púrpura” (como Fenícia, o nome grego da mesma região), assim chamada por ser a principal produtora e exportadora de púrpura, tinta muito apreciada pela realeza antiga. Muito tempo depois, o território passou a ser chamado de Palestina.

2:6 – Após o juízo contra os filisteus, sua terra (chamada aqui de “*litoral*”) será usada para o pastoreio, com pastagens, refúgios e currais.

2:7 – A região que pertenceu aos filisteus antes do juízo servirá para o pastoreio dos rebanhos do remanescente da terra de Judá. Aqui temos uma das promessas da restauração do povo judeu, pois no “*litoral*” os restantes de Judá “*apascentarão os seus rebanhos e, ao anoitecer, se deitarão nas casas de Asquelom; porque o SENHOR, seu Deus, os visitará e mudará a sorte deles.*” Outra tradução para “*e mudará a sorte deles*” é “*e levantará o cativo deles*” (conforme Deuteronômio 30:3; Salmo 14:7; Salmo 126:1; Jeremias 29:14; 30:3; Ezequiel 39:25).

A região dos filisteus se tornou desolada pelos babilônios e, mais tarde, o remanescente dos judeus que retornaram do cativeiro na Babilônia moraram nela. Isso se cumpriu na época dos macabeus, quando as cidades da Palestina, sendo reconstruídas, foram subjugadas pelos judeus e caíram em suas mãos. Nos tempos dos apóstolos esses lugares eram habitados por judeus, como Gaza, Asdode e outras (Atos 8:26). Assim, Deus atentou para os judeus em graça e misericórdia, trazendo-os de volta da Babilônia para sua própria terra, alargando suas fronteiras e, depois, levantando Cristo e enviando seu evangelho. Em um sentido espiritual, o restante de Israel se apascentou e habitou na região dos filisteus quando os apóstolos pregaram naquelas áreas, sendo os instrumentos para converterem muitos ao Senhor e alimentando-os com a Palavra dele. Assim, um rebanho do Senhor estava encontrando pastagens nas terras dos filisteus.

Sofonias 2:8-11: “*{2:8} Ouve a zombaria de Moabe e as palavras injuriosas dos filhos de Amom, que zombaram do meu povo e se gabaram contra o seu território. {2:9} Portanto, tão certo como eu vivo’, diz o SENHOR dos Exércitos, o Deus de Israel, ‘Moabe será como Sodoma, e os filhos de Amom, como Gomorra, campo de urtigas, poços de sal e desolação perpétua. O remanescente do meu povo os saqueará, e os sobreviventes da minha nação tomarão posse dos seus territórios.’ {2:10} Isso lhes sobrevirá por causa do seu orgulho, porque zombaram e se gabaram contra o povo do SENHOR dos Exércitos. {2:11} O SENHOR será terrível contra eles, porque aniquilará todos os deuses da terra. E todos os povos das nações, cada um do seu lugar, o adorarão.’”*

2:8 – Moabe e Amom eram dois reinos situados a leste do Mar Morto, povos que viviam a leste de Judá. Embora “primos” de Israel por meio de Ló, sobrinho de Abraão (Gênesis 19:30-38), eram inimigos de Israel há muito tempo (Números 22:1-6; Juízes 3:12-14; 11:12-33; Ezequiel 25:2-7). As palavras de escárnio dos moabitas e as palavras injuriosas dos amonitas contra Israel, bem como a gabação deles contra o território do povo escolhido de Deus, chegaram aos ouvidos do Senhor. Particularmente, Amom difamava do território de Israel e tinha interesse em conquistá-lo, pois seus limites eram estreitos devido às áreas montanhosas, como Gileade.

2:9 – O escárnio e a gabação dos moabitas e amonitas contra os israelitas certamente não agradaram a Deus. Embora o seu povo merecesse castigo, a atitude das “nações primas” foi motivo para o Senhor decretar terrível juízo contra elas (Ezequiel 25:1-11).

O mesmo que se sucedeu com Sodoma sucederá com Moabe, e o mesmo que ocorreu com Gomorra ocorrerá com Amom – ambos se tornariam em desolação, descrita como “*campo de urtigas, poços de sal e desolação perpétua*”. Segundo Josefo, historiador judaico, o rei Nabucodonosor da Babilônia empreendeu uma campanha militar contra Amom e Moabe no quinto ano após de desolar Jerusalém, sendo que essas nações foram privadas de suas terras.

Sodoma e Gomorra, já há muito tempo, tornaram-se um provérbio pela sua maldade e pelo juízo divino sobre o pecado. É interessante que a provável localização dessas cidades malignas possa coincidir com as áreas dos moabitas daquela época. Também, é interessante que foi a fuga de Ló de Sodoma, graças aos anjos do Senhor, que deu início às nações de Amom e Moabe, quando houve uma relação de incesto das filhas de Ló com o pai: elas o embriagaram para terem relações com ele. O incesto é vergonhoso, portanto, Amom e Moabe tiveram origens vergonhosas (Gênesis 19:30-38), mas mesmo assim escarneciam dos israelitas.

Após a desolação de Amom e Moabe, o remanescente do povo de Judá tomaria despojos dessas nações e ainda tomaria seus territórios. Essa foi mais uma promessa de restauração para Judá para depois do exílio na Babilônia, assim como em Sofonias 2:7. Também é um dos textos em que se encontra o princípio bíblico de não se desejar tamanho mal nem mesmo para os inimigos (Mateus 5:44-45): Amom e Moabe eram “nações primas” de Israel e não deveriam ter desejado tamanhos males ao povo de Deus, ainda que fossem adversários. O remanescente dos judeus que voltou da Babilônia, na época dos macabeus, se apoderou de vários lugares que eram dessas nações.

2:10 – O castigo contra Moabe e Amom não veio apenas por causa do escárnio e gabação deles contra o povo do Senhor, mas também por causa da sua soberba (Isaías 16:6; Jeremias 48:29-30). Deus absolutamente não se agrada dos soberbos.

2:11 – A expressão “O SENHOR será terrível contra eles, porque aniquilará todos os deuses da terra” reforça a ideia de que o julgamento de Deus será bastante severo contra as “nações primas” de Israel. Os “deuses” daquela terra também serão eliminados no seguinte sentido: o texto original passa a ideia dos falsos deuses “emagrecerem e morrerem de fome” por falta da “comida”. No mundo antigo, acreditava-se que os sacrifícios eram a “comida dos deuses”. Por causa da destruição, não haveria pessoas para oferecerem sacrifícios aos falsos deuses e, portanto, eles iriam “emagrecer e morrer de fome” – assim, o Senhor aniquilará os tais “deuses da terra”.

A expressão “*todos os povos das nações*” também pode ser traduzida como “todas as ilhas das nações”. Em contraste com a destruição dos falsos deuses, até mesmo os povos distantes, e mesmo aqueles que vivem em ilhas, passarão a adorar a Deus. Encontramos mais citações de “ilhas das nações” como “os países do mar”, “as terras do mar”, “terras do mar e seus moradores”, principalmente no Livro de Isaías (Isaías 41:5; 42:4,10,12; 49:1; 51:5). Esse é mais um texto bíblico reforçando a ideia de que o Senhor será conhecido e adorado em locais bem distantes de Judá, como os locais envoltos pelo mar.

Sofonias 2:12: “{2:12} Também vocês, ó etíopes, serão mortos pela espada do SENHOR.”

2:12 – O juízo de Deus também cairia sobre os etíopes. A palavra “*etíopes*” também pode se referir ao Egito, pois entre 715-663 a.C. ele foi governado por uma dinastia etíope. Outros profetas também pronunciaram oráculos contra o Egito e a Etiópia (conforme Isaías 18-20; Jeremias 46; Ezequiel 29-32). Isso foi cumprido quando Nabucodonosor derrotou os etíopes quando eles vieram auxiliar o rei do Egito em batalha contra a Babilônia.

Sofonias 2:13-15: “{2:13} Ele estenderá também a mão contra o Norte e destruirá a Assíria; e fará de Nínive uma desolação e terra seca como o deserto. {2:14} No meio dessa cidade, repousarão os rebanhos e todo tipo de animais. Nos capitéis das colunas se alojarão tanto o pelicano como o ouriço. A voz das aves ressoará nas janelas. Haverá escombros nos umbrais das portas, porque o madeiramento de cedro será arrancado. {2:15} Esta é a cidade alegre e confiante, que dizia consigo mesma: ‘Eu sou a única, e não há outra além de mim.’ Como se tornou em desolação, em pousada de animais! Todos os que passarem por ela hão de vaiar e farão gestos de desprezo.”

2:13 – Direcionando a profecia de juízo para uma nação que vinha pelo norte de Judá, Sofonias afirmou que o Senhor também arruinará a Assíria, cuja capital, Nínive, estava situada às margens do rio Tigre. Embora Nínive estivesse um tanto ao norte e ao leste de Judá, os exércitos assírios normalmente invadiam Canaã pelo norte, depois de marcharem pelo lado oeste, ao longo do Eufrates, em vez de atravessarem o deserto da Arábia. A capital será como “*desolação e terra seca no deserto*”. De fato isso aconteceu: a Babilônia sob Nabopolassar, aliada aos medos e citas, derrotou Nínive em 612 a.C. Posteriormente, a cidade foi soterrada pelas areias do deserto em um monte conhecido como Tell Kuyunjik, o “monte de muitas ovelhas”, descoberto por arqueólogos em 1845. O inimigo por excelência da nação de Israel no século 7 a.C. era a Assíria. O profeta atribuiu ao Senhor a iniciativa de sua

destruição. Deus utilizou a Babilônia para efetuar seu plano. Naum é um livro bíblico que fala extensivamente do juízo do Senhor sobre Nínive.

2:14 – O repouso de animais em locais que antes eram habitados indica uma destruição que deixa a cidade sem habitantes, exposta ao tempo. Animais se alojam e fazem barulho na cidade, uma vez que não há seres humanos para afugentá-los. Os entulhos de madeira de cedro serão encontrados abandonados em todos os limiares da cidade, pois os inimigos arrancariam dela todo o madeiramento luxuoso de cedro e largaram por ali os entulhos.

2:15 – Embora os ninivitas tenham tido um breve arrependimento durante o ministério de Jonas, logo voltaram a praticar suas atrocidades. Nínive era arrogante, autoconfiante e se regozijava em sua força, achando-se a “máxima” e a “única”. Tal atitude arrogante fez com que o juízo do Senhor viesse à cidade com muita força, conforme profetizado também pelo profeta Naum.

Deus chama à existência coisas que ainda não aconteceram (Romanos 4:17). No momento em que a profecia foi proferida por Sofonias, Nínive ainda não tinha caído, mas a linguagem da expressão “*Como se tornou em desolação, em pousada de animais! Todos os que passarem por ela hão de vaiar e farão gestos de desprezo*” demonstra que a cidade já foi considerada assolada e desprezada no momento em que a profecia foi proferida, uma vez que sua destruição era certa. A ideia da expressão “*Todos os que passarem por ela hão de vaiar e farão gestos de desprezo*” é encontrada também em Jeremias 19:8; 49:17, transmitindo a ideia de completo desdém pela antes tão poderosa capital da Assíria.

A destruição de Nínive foi tão completa que a cidade dizimada jamais foi reconstruída. Alguns séculos depois, estava coberta com a areia carregada pelo vento, não deixando nenhum rastro, exceto um monte que é conhecido hoje como Tell Kuyunjik, “o monte de muitas ovelhas”. A história e a arqueologia confirmam que Nínive foi queimada. O rei da Assíria morreu nas chamas do próprio palácio. Durante séculos, ninguém sabia onde a antiga Nínive se situava. Seus restos foram finalmente descobertos por arqueólogos em 1845.

Nabopolassar foi o primeiro governante do império neobabilônico (626-605 a.C.). Aliando-se com os medos e com os citas, conquistou o império assírio, destruindo Nínive em 612 a.C., conforme a profecia de Naum 2:1-3:9 e a profecia de Sofonias 2:13-15.

Sofonias 3:1-5: “*{3:1} Ai da cidade opressora, rebelde e manchada! {3:2} Não atende ninguém, não aceita disciplina, não confia no SENHOR, nem se aproxima do seu Deus. {3:3} Os seus príncipes são leões rugidores no meio dela, os seus juizes são lobos do anoitecer, que não deixam os ossos para serem roídos no dia seguinte. {3:4} Os seus profetas são levianos e falsos. Os seus sacerdotes profanam o santuário e fazem violência à lei. {3:5} O SENHOR é justo, no meio da cidade; ele não comete injustiça. Manhã após manhã, ele traz o seu juízo à luz; não falha. Mas o injusto não sabe o que é vergonha.*”

3:1 – Após desferir profecias de juízo às nações ao redor de Jerusalém, o profeta volta à nação de Judá. Ele direciona um “Ai” à cidade “*opressora, rebelde e manchada*” (impura), a própria Jerusalém. Esse versículo começa a anunciar o juízo da cidade. O povo fazia o que queria, sem se importar com o Senhor, abusando da tolerância de Deus – Jerusalém tinha condições de ter sido bem melhor do que outras nações, mas acabou sendo até pior.

3:2 – Apesar de o Senhor ter enviado tantos servos (profetas) com mensagens para que Jerusalém se arrependesse, seu povo não ajudava o próximo, não ouvia a ninguém, rejeitava a disciplina (correção), não confiava em Deus e nem o buscava verdadeiramente. São algumas das razões pelas quais Jerusalém foi chamada de “*opressora, rebelde e manchada*” em Sofonias 3:1.

3:3 – Os “*príncipes*” (chefes ou autoridades) de Jerusalém foram comparados a “*leões rugidores*”, pois assustavam e caçavam os outros, usando seus poderes para benefício de suas próprias vontades. Tais poderosos foram também comparados a “*lobos do anoitecer, que não deixam os ossos para serem roídos no dia seguinte*”, ou seja, eram insaciáveis e cruéis para obterem vantagens o mais rápido possível, não deixando isso para depois – eles faziam todo o mal que podiam o mais rápido possível. Era uma avidez de fazer o mal. A versão hebraica diz “lobos do cair da noite” e a versão grega diz “lobos do deserto”. Os dois tipos de lobo faziam a mesma coisa: saíam ao

anoitecer para caçar e, quando conseguiam uma presa, dilaceravam-na imediatamente, não deixando nada para o dia seguinte.

3:4 – Nem mesmo os profetas e sacerdotes de Jerusalém eram tidos como justos diante do Senhor. Esse versículo deixa claro que havia muitos falsos profetas na cidade, homens “*levianos*” (irresponsáveis, imprudentes, sem seriedade – não levavam a sério trazerem a verdadeira Palavra do Senhor para o povo) e “*falsos*” (desleais, traiçoeiros, pérfidos, faziam uso do mal). Os sacerdotes não faziam seus ofícios de acordo com a Lei de Moisés, violavam a lei tornando-se impuros e, assim, acabavam profanando o santuário, ao invés de santificá-lo. Eram sacerdotes corruptos.

3:5 – Esse versículo afirma a justiça do Senhor, comparando-a com a corrupção da cidade e o abuso das classes dirigentes. Ao contrário dos iníquos que falhavam constantemente e nem sequer conheciam a vergonha, Deus é justo, não comete iniquidade, não falha, e não faz seu juízo escondido, mas à mostra de todos – o Senhor avisa antes de punir. Há também a ideia de a constância do Senhor na justiça – ele faz justiça sempre. Os profetas e sacerdotes deveriam ter seguido o exemplo de Deus.

Sofonias 3:6-8: *“{3:6} Exterminarei nações. As suas torres estão destruídas. Tornei desertas as suas praças, a ponto de não haver quem passe por elas. As suas cidades foram destruídas, de maneira que não há ninguém, ninguém que as habite. {3:7} Eu dizia: ‘Certamente você, Jerusalém, viverá em temor diante de mim e aceitará a disciplina, e, assim, a sua morada não seria destruída, segundo o que eu havia determinado.’ Mas eles se tornaram cada vez mais corruptos em todos os seus atos. {3:8} Portanto, esperem por mim’, diz o SENHOR, ‘esperem pelo dia em que eu me levantar para tomar o despojo. Porque a minha resolução é ajuntar as nações e congregar os reinos, para fazer cair sobre eles a minha indignação e todo o furor da minha ira. Porque toda esta terra será consumida pelo fogo do meu zelo.”*

3:6 – O Senhor afirmou aqui que exterminou nações malignas. Torres foram assoladas. Praças se tornaram desertas, de forma que não havia quem passasse por elas. Cidades foram destruídas para que ninguém as habite. É um anúncio do juízo que veio às nações que se afastaram deliberadamente do Senhor, confiando no mundo e/ou em si mesmas. O ponto aqui é que essas nações foram um exemplo para que o povo de Deus não seguisse os caminhos delas.

3:7 – Mesmo com o exemplo das nações exterminadas em Sofonias 3:6, a cidade sentenciada, Jerusalém, persistia no erro, apesar de ser constantemente avisada do juízo. Os habitantes eram rápidos para fazerem o mal e para se corromperem cada vez mais (“*Mas eles se tornaram cada vez mais corruptos em todos os seus atos*”). Deus avisa os malignos de seus erros e dá exemplos de que o juízo vem, e ainda assim os seres humanos preferem persistir no erro.

A expressão “*Certamente você, Jerusalém, viverá em temor diante de mim e aceitará a disciplina*” significa que uma das motivações de Deus para acabar com as nações ímpias em Sofonias 3:6 foi para que isso servisse de exemplo a seu povo. Era esperado que, após ver o castigo dessas nações, o povo aprendesse com o exemplo. No entanto, obviamente isso não ocorreu.

Alguns podem acreditar que um plano de Deus foi frustrado aqui, colocando em dúvida a sua onisciência, uma vez que ele disse que o povo certamente o temeria e aceitaria a disciplina, e isso não ocorreu. No entanto, a expressão “*Certamente você, Jerusalém, viverá em temor diante de mim e aceitará a disciplina*” apenas demonstra que Deus se apresentou raciocinando como se fosse um homem raciocinando, isto é, que certamente o povo dos judeus notaria os julgamentos executados em outras nações e, pelo exemplo, deveria temer e não fazer o mesmo que elas fizeram, de forma que as mesmas calamidades não sobreviessem a ele. Isso não significa que Deus não sabia que a nação iria se desviar, uma vez que Jeremias e outros claramente profetizaram que o povo de Judá iria para o cativeiro na Babilônia por causa de sua desobediência. Há passagens bíblicas em que Deus se apresenta como se estivesse raciocinando como se fosse um homem com o intuito de que possamos entender suas intenções. Passagens como essas não podem ser usadas para ser colocada em dúvida a onisciência de Deus.

3:8 – Se o ser humano persiste no mal mesmo quando é avisado pelo Senhor e mesmo tendo exemplos de seu juízo, não resta alternativa além de castigo. Deus, que é santo e justo, não pode abençoar quem persiste no mal, não aceitando nem correção nem aviso, por mais que ele queira abençoar e salvar a todos. A teimosia do ser

humano em praticar o mal provoca o zelo de Deus e o enfurece. A expressão “esperem pelo dia em que eu me levantar para tomar o despojo” denota a ideia de que, no dia que Deus determinar, chegará o acerto de contas.

Uma vez que os seres humanos persistem no erro, inclusive o povo escolhido, o Senhor acaba fazendo o mundo todo sofrer julgamento – pela sua ira, sua resolução seria ajuntar todos os pecaminosos em um mesmo lugar e derramar sua maldição e sua ira sobre eles. Deus é amor, mas também é justiça e um fogo consumidor (Hebreus 12:29). Como o ser humano e suas nações persistem em sempre escolherem pecar, o zelo de Deus acabará fazendo com que toda a Terra sucumba, uma vez que sempre há persistência no mal. A misericórdia que vem do amor de Deus não pode tolerar a maldade indefinidamente, uma vez que a justiça demanda um dia de acerto de contas e o amor não se alegra com a injustiça (1 Coríntios 13:6).

A ideia da expressão “a minha resolução é ajuntar as nações” é também encontrada em Joel 3:2 e Zacarias 14:2. A ideia da expressão “congregar os reinos, para fazer cair sobre eles a minha indignação e todo o furor da minha ira” encontra-se no Salmo 69:24, Salmo 79:6 e em Jeremias 10:25. Uma vez que os seres humanos persistem no erro, o Senhor acaba por fazer o mundo todo sofrer julgamento. A ideia de ajuntar as nações ímpias em um mesmo lugar para castigá-las alude a uma das vitórias históricas de Deus sobre as nações de Moabe e Amom, a qual foi testemunhada pelo rei Josafá em 2 Crônicas 20:1-30. Essa vitória tornou-se proverbial, um símbolo do juízo de Deus contra nações inimigas. Os juízos locais de Deus também prefiguram a destruição final da Terra pelo fogo na segunda vinda de Cristo (2 Pedro 3:7,10), a qual traz o juízo final que terá o ajuntamento das nações ímpias para que recebam a punição da ira ardente de Deus (Mateus 25:31-45).

A expressão “Porque toda esta terra será consumida pelo fogo do meu zelo” significa que as nações ímpias citadas em Sofonias 2:4-3:3, isto é, Filístia, Moabe, Amom, Etiópia e Assíria, as quais representam “esta terra”, sofrerão os juízos do Senhor profetizados por Sofonias. De fato, tais nações foram destruídas pelo Senhor por meio da Babilônia. A própria Babilônia, depois, teve seu juízo e pereceu.

A PROMESSA DE REDENÇÃO

Sofonias 3:9: “{3:9} Então darei lábios puros aos povos, para que todos invoquem o nome do SENHOR e o sirvam de comum acordo.”

3:9 – Depois do anúncio dos juízos, os versículos finais do livro apresentam uma mensagem de esperança, de restauração e salvação para o remanescente dos povos. A Terra está constantemente suscetível ao juízo de Deus, uma vez que as nações persistem no mal. No entanto, após o castigo contra as nações da Filístia, Moabe, Amom, Etiópia e Assíria, o Senhor dará “lábios puros aos povos, para que todos invoquem o nome do SENHOR e o sirvam de comum acordo” para um remanescente. Lábios puros denotam a ideia de não haver mentira e nem obscenidade no falar. Sem mentiras, as pessoas podem adorar verdadeiramente o único e verdadeiro Deus, invocando o seu nome (o que implica na submissão à autoridade e à Palavra dele, e não apenas invocar o seu nome com palavras), servindo-o de vontade própria, como uma decisão de cada pessoa do meio do povo (“o sirvam de comum acordo”). Essa restauração foi plenamente cumprida no evangelho, o qual permite restauração e salvação para um “remanescente” de todos os povos: os poucos que praticam o evangelho verdadeiramente.

Um ponto interessante é que, muitas vezes, se pensa no juízo de Deus, ou no “dia do Senhor”, no contexto de punição dos ímpios. No entanto, além disso, em certo sentido, o castigo também traz a purificação do povo. O Senhor não abençoará um povo rebelde e maligno. A retirada dos ímpios do meio do povo permite que um remanescente fiel seja abençoado, além de ensinar a esse remanescente uma lição para que não siga pelo caminho daqueles que foram eliminados. O resultado é um povo menor, mas fiel. Essa é uma das razões pelas quais Deus traz castigos.

Sofonias 3:10-12: “{3:10} Dalém dos rios da Etiópia, os meus adoradores, que constituem a filha da minha dispersão, me trarão sacrifícios. {3:11} Naquele dia, você não terá de se envergonhar de nenhuma das suas rebeliões contra mim, porque tirarei do meio de você, Jerusalém, os que exultam no seu orgulho, e você nunca mais se orgulhará no meu santo monte. {3:12} Mas deixarei no meio de você um povo modesto e humilde, que confia no nome do SENHOR.”

3:10 – Os “rios da Etiópia” são uma referência ao extremo sul do mundo conhecido da época, representando a região mais distante imaginável. Os adoradores constituem “a filha da minha dispersão”, ou seja, representam as pessoas que verdadeiramente adoram e obedecem a Deus e que estão espalhadas pelo mundo. Isso pode se referir também aos judeus fiéis dispersos pelo mundo por causa dos inimigos, como no caso do cativo na Babilônia. Os “sacrifícios” que o povo oferecerá denotam as coisas que são agradáveis a Deus – um espírito humilde e submisso à vontade dele, a ideia de negar-se a si mesmo para fazer a vontade do Senhor, o serviço pelo seu reino, e até mesmo ofertas materiais que possam contribuir para o serviço ao Senhor. Pode também ser o caso de as pessoas distantes trazerem mais pessoas para conhecerem e servirem o Senhor.

Ofertas são sacrifícios. As ofertas não são apenas o que sobra depois do ofertante satisfazer os próprios desejos. Pessoas que sempre querem receber, ao invés de procurarem dar liberalmente, não servem ao Senhor. Recursos que poderiam ser empregados em outras coisas, até em coisas egoístas, podem ser doados para fazer a obra de Deus. Cada um deve usar o que recebeu do Senhor para servir a ele, pois todos devem as suas vidas à sua misericórdia. Assim, fiéis devem viver como servos gratos, se dedicando ao serviço humilde. Fazer a vontade de Deus ao invés da própria vontade também é um sacrifício agradável a ele.

3:11 – “Naquele dia” é outra forma de expressão que denota o “dia do Senhor”. O “dia do Senhor” traz castigo, mas também restauração. A ideia é que o povo fiel, o remanescente, não precisará se envergonhar de seus pecados contra o Senhor, pois ele os perdoará totalmente. Ao mesmo tempo, “os que exultam no seu orgulho” serão tirados do meio do povo e, dessa forma, o remanescente do povo não mais vai se ensoberbecer diante de Deus (“no meu santo monte”). O Senhor sempre detestou a atitude soberba. A expressão “meu santo monte” é uma referência ao Monte Sião, local do templo de Jerusalém. No entanto, o Monte Sião pode também se referir à Jerusalém espiritual, o reino de Deus, conforme Hebreus 12:22.

3:12 – A eliminação dos rebeldes e soberbos faz com que o povo remanescente de Deus se constitua de gente humilde e modesta, simples. Um povo entre o qual não haverá iniquidade nem mentira, que encontrará a sua segurança em Deus, e que confia unicamente nele (Sofonias 2:3). Mesmo trazendo punição, Deus está trabalhando para que possa abençoar esse povo, o remanescente fiel.

Sofonias 3:13-16: “{3:13} O remanescente de Israel não cometerá injustiça. Eles não proferirão mentira, e da sua boca não sairão palavras enganosas, porque serão apascentados, se deitarão, e não haverá quem os atemorize. {3:14} Cante, ó filha de Sião! Grite de alegria, ó Israel! Alegre-se e exulte de todo o coração, ó filha de Jerusalém. {3:15} O SENHOR retirou as sentenças que eram contra você e afastou os seus inimigos. O Rei de Israel, o SENHOR, está no meio de você; você não precisa mais temer nenhum mal. {3:16} Naquele dia, se dirá a Jerusalém: ‘Não tenha medo, ó Sião, não desfaleçam as suas mãos.’”

3:13 – Sofonias proclamou uma mensagem de esperança dirigida ao pequeno resto, os “remanescente de Israel”, o povo modesto e humilde de Sofonias 3:12. A partir daqui, encontramos promessas de restauração mais específicas para o povo restante de Israel, as quais podem se aplicar ao retorno do povo do cativo babilônico que ocorreria mais adiante. O remanescente, aqui representando o povo remido de Deus, não comete iniquidade, não mente e não engana – o castigo purificou o povo removendo os ímpios e também serviu de aviso ao restante. Mais adiante, há também um cumprimento dessa profecia no evangelho de Cristo – o “remanescente” são as poucas pessoas que praticam o evangelho e, assim, não vivem cometendo iniquidade, mentindo e/ou enganando.

Os remidos “serão apascentados, se deitarão, e não haverá quem os atemorize”, ou seja, é o próprio Senhor que apascenta cada pessoa, como se fossem suas ovelhas, as quais podem “deitar e descansar” sem medo dos inimigos, pois o pastor todo-poderoso as protege. Para os remidos pelo evangelho, isso significa a segurança espiritual que possuem graças a Jesus, o rei-pastor. É um povo que o Senhor pode abençoar.

Outra tradução para “remanescente de Israel” seria “os sobreviventes do povo de Israel”, conforme Isaías 11:11, Amós 5:15 e Miqueias 2:12. Encontramos a ideia de “não proferirão mentira” em Apocalipse 14:5. A ideia de “se deitarão, e não haverá quem os atemorize” é encontrada no Salmo 23:2-4 e em Ezequiel 34:13-16.

3:14 – A partir daqui temos um hino ou cântico de louvor que celebra o reinado do Senhor em Sião. O Senhor, por meio do profeta, dirigiu-se ao povo remido, representado por “filha de Sião”, “Israel” e “filha de Jerusalém”, e disse para ele cantar e se alegrar. Encontramos a ideia de “Cante, ó filha de Sião” em Isaías 12:6 e

Zacarias 9:9 – é a ideia de cantar e se regozijar de alegria porque Deus lançou fora o inimigo do povo e o perdoou, restaurando a comunhão entre o Senhor e seu povo (Sofonias 3:15). Também há aplicação desse texto para os remidos no evangelho, pois eles podem se alegrar na comunhão verdadeira com Deus por meio de Cristo, podendo fazer isso cantando salmos, hinos e cânticos espirituais (Efésios 5:19; Colossenses 3:16).

3:15 – A expressão “O SENHOR retirou as sentenças que eram contra você” representa que os pecados que o povo cometeu anteriormente foram perdoados ao remanescente remido, conforme Isaías 40:2. Mais uma vez notamos a aplicação desse versículo no contexto do evangelho, o qual permite salvação e perdão de pecados, graças à graça de Deus e ao sacrifício de Cristo na cruz. A expressão “afastou os seus inimigos. O Rei de Israel, o SENHOR, está no meio de você; você não precisa mais temer nenhum mal” passa mais uma vez a ideia de segurança dos remidos encontrada em Sofonias 3:13, uma vez que o inimigo que poderia assolar o povo foi afastado, ou “lançado fora”. Em um contexto mais imediato, isso pode se aplicar à queda da Babilônia, a nação que mais adiante destruiu Jerusalém e levou o povo cativo, ou às outras nações sentenciadas no capítulo 2: Filístia, Moabe, Amom, Etiópia e Assíria. Em um contexto maior, os remidos pelo evangelho podem contar com o apoio do Senhor para serem protegidos dos inimigos espirituais. O “Rei de Israel”, Deus, está no meio do povo para protegê-lo.

3:16 – Mais uma vez, a expressão “Naquele dia” se refere ao “dia do Senhor”, o qual traz castigo e, também, restauração. Novamente é ressaltada a ideia do apoio que o Senhor concede aos seus fiéis, conforme Isaías 35:3-4; 41:14-16. Os fiéis, representados por Jerusalém, não precisam temer inimigos e nem deixarem que “desfaleçam as suas mãos”, ou seja, não há razão para terem desesperança e desânimo quando Deus está com eles.

Sofonias 3:17-20: “{3:17} O SENHOR, seu Deus, está no meio de você, poderoso para salvar. Ele ficará muito contente com você. Ele a renovará no seu amor, e se encherá de júbilo por causa de você. {3:18} ‘Congregarei os que estão entristecidos por se acharem afastados das festas solenes, estes que são do seu meio e sobre os quais pesam afrontas. {3:19} Eis que, naquele tempo, agirei contra todos os que a afligem. Salvarei os que coxeiam e recolherei os que foram expulsos. Farei deles um louvor e um nome em toda a terra em que foram envergonhados. {3:20} Naquele tempo, farei com que vocês voltem e os recolherei. Certamente farei de vocês um nome e um louvor entre todos os povos da terra, quando eu restaurar a sorte de vocês diante dos seus próprios olhos’, diz o SENHOR.”

3:17 – Aqui Sofonias afirmou que o Senhor Deus está no meio do povo remido e é poderoso para salvá-lo. A ideia de “poderoso para salvar” é encontrada em Isaías 12:2: “Eis que Deus é a minha salvação; confiarei e não temerei, porque o SENHOR Deus é a minha força e o meu cântico; ele se tornou a minha salvação.” Deus renova as pessoas em seu amor e se alegra muito, com júbilo, pelos remidos. O ser humano pecaminoso pode ser repugnante para o Senhor, mas ainda assim ele se alegra muito com aqueles que se convertem a ele e que se deixam ser transformados pelo seu amor. A expressão “Ele a renovará no seu amor” foi dirigida para Sião, a qual representa o verdadeiro povo de Deus que foi remido, e é encontrada dessa forma na versão grega, mas em hebraico aparece como “calar-se-á pelo seu amor”. Essa expressão passa a ideia de Deus estar tão comovido com os remidos que é como se ele se calasse como alguém que não consegue falar por causa de estar sentindo uma alegria intensa – o que demonstra a profundidade do sentimento de amor e alegria que o Senhor tem pelos fiéis.

3:18 – Os versículos a seguir se referem ao retorno dos judeus exilados na Babilônia, conforme Miqueias 4:6-7: “‘Naquele dia’, diz o SENHOR, ‘congregarei os que coxeiam e recolherei os que foram expulsos e os que eu tinha afligido. Dos que coxeiam farei um remanescente e dos que foram lançados para longe, uma nação poderosa; e o SENHOR reinará sobre eles no monte Sião, desde agora e para sempre.’” Trata-se de uma restauração do povo exilado por parte do Senhor.

As pessoas pertencentes ao povo de Judá que estavam tristes por não mais poderem participar das festas solenes instituídas na Lei de Moisés serão congregadas novamente. As “afrontas” aqui referidas se referem às situações de tristeza decorrentes do povo ter sido exilado.

3:19 – No tempo em que Deus providenciar o retorno dos exilados, procederá contra aqueles que afligiram o povo, os quais receberão o devido castigo por seu procedimento. O primeiro inimigo em que se pode pensar é a Babilônia, mas existiram outras nações que afligiram o povo de Deus, especialmente as nações sentenciadas no capítulo 2: Filístia, Moabe, Amom, Etiópia e Assíria. O povo judeu que será expulso de sua terra no cativeiro babilônico vai ser recolhido novamente a ela. Aqueles que “coxeiam”, ou seja, as pessoas que sofrerão por causa do exílio, serão salvas pelo Senhor. Essas pessoas, antes desprezadas, se encontrarão em uma situação de serem um

“louvor e um nome em toda a terra em que foram envergonhados.” Com a graça e a bênção do Senhor, serão respeitadas mesmo em terras estrangeiras. A ideia de *“Salvarei os que coxeiam e recolherei os que foram expulsos”* é encontrada também em Isaías 40:11, Ezequiel 34:11-16, Miqueias 4:6-7 e João 10:7-16.

Uma aplicação espiritual desse texto é que, de forma análoga, quando Jesus confessa o nome dos fiéis diante do Pai, dos santos anjos e de todos os remidos (Lucas 12:8-9; Apocalipse 3:5), esses fiéis perdem todo o opróbrio e vergonha que sentiram por terem sido rejeitados pelo mundo – seus nomes se tornam um louvor no céu, para glória de Deus.

3:20 – O Senhor reafirmou o que foi dito em Sofonias 3:19: o povo expulso de sua terra será recolhido a ela novamente. Deus mudará a situação ruim do povo dele: passará de um povo exilado para um povo com um nome de referência e um louvor em toda a terra. Essas pessoas que antes estavam exiladas, rejeitadas e desprezadas, foram “as últimas”, mas seriam “as primeiras”, parafraseando aquilo que Jesus mencionou em Mateus 20:16: *“Assim, os últimos serão primeiros, e os primeiros serão últimos.”*

Por fim, Sofonias é um livro que também mostra o propósito do Senhor de fazer o povo passar pelo “fogo do castigo” para poder, depois, abençoar o remanescente – um povo menor, mas fiel.

3. REFERÊNCIAS

Este estudo foi realizado com informações adaptadas das fontes a seguir:

- www.estudosdabiblia.net;
- Bíblia Digital Glow;
- Bíblia de Estudo Arqueológica NVI;
- Bíblia de Estudo King James Atualizada.